Biopolítica e política do sintoma: A vida tomada aos pés da letra

Biopolítica e Segregação Nel

Coordenação y redação: Carlos Marques

Grupo de trabalho: Paula del Cioppo, Jessica Jara, Rosana Fautsch

Qual e a concepção da política, vida e corpo que implicam os conceitos de Biopolítica e política do sintoma? Ao serviço de que definição de política põe-se a vida? É possível definir esses conceitos esquecendo-se que incluíam um ponto do impossível?

Mais que frente a epidemias do terrorismo ou de comunismo, de anorexias ou de indignação, encontramo-nos com a epidemia como forma de existência social. De Aí a facilidade com a que esses e outros fenômenos estendem-se e contraem-se, pulsam a diferentes ritmos por todo o tecido da nova humanidade globalizada. Pode-se caracterizar esta modificação como a tendência, nunca do todo realizada, do passo de um funcionamento vertical hierárquico sustentado a um horizontal circular espasmódico. A massa espontânea, como é caraterizada pelo Freud, pode ter um líder, mas não é propriamente um modo de organização hierárquica como ó é a massa que ele chama artificial, do que utiliza como exemplo paradigmático a igreja e o exército.

Trata-se dos efeitos do que diz Jacques-Alain Miller o resquebrajado da pedra angular do simbólico (1). São também as realidades efetivas e atuais das quais Lacan definiu os campos de concentração como “precursores em relação ao que se vai desenvolvendo como consequência do reordenamento das agrupações sociais pela ciência e especialmente, da universalização que esta introduz nelas [já que] nosso futuro dos mercados comuns vai encontrar o seu contrapeso na expansão cada vez mais dura dos processos de segregação.” (2 pag 276)

Enquanto seguindo ao Lacan pode-se localizar o giro no período entre guerras, estava o gérmen durante a modernidade. Preparando-se com cada contestação a autoridade que nascia com cada salto qualitativo da sua historia, surgindo com cada reação conservadora onde as forças velhas se reagrupem.

E por isso que Foucault, como e habitual nele, move o corte ao passado. Se questiona o problema das relações do poder com os discursos da verdade, sublinha que este exerce-se nas sociedades modernas ao nível das políticas universais do estado nação com seu sistema de saúde, educação e correcional –punitivo; mas também na disciplina dos corpos individuais. A noção de “pastorado” por oposição ao “estado” encontra-se nesta linha. Ocidente tem tomado das culturas semíticas a figura do pastor que dirige o rebanho, mas olha também por cada uma das ovelhas, enquanto foi-se dando o desenvolvimento dos grandes dispositivos do governo de sujeitos jurídicos abstratos. Mas não é até depois da idade meia que a polis e o rebanho se entrelaçam efetivamente. (3)

No primer tomo da “História da Sexualidade” desdobram-se os conceitos de biopoder e biopolitica. O livro está construído para ironizar de maneira requintada da suposta liberação do gozo sexual dos corpos no meio da grande mudança cultural que estava-se dando nos anos setenta. Foucault pega aí ao seu cargo uma crítica da psicanalise que vem de esta ilusão que ele chama a “Hipótese repressiva” (4 pag. 20) “estaríamos já liberados de esses dois largos séculos onde a história da sexualidade deveria ler-se em primeiro termino como a crônica de um recalcado crescente? Talvez pelo Freud. Mas com que circunspeção, que prudência medica, que garantia cientifica de inocuidade e quantas preocupações para mantê-lo tudo, sem temor de transbordamento, num espaço mais seguro e discreto, entre divã e discurso: até um sussurro num leito que produz ganancias...” (4 pág. 11) A hipótese repressiva põe ao cargo da psicanalise ser outro dispositivo conservador contrariamente das aspirações que impugnam o recalcado do gozo dos corpos.

Esse não é o que interessa ao Foucault, é certo que não é um defensor da psicanálise, não cairá nesta critica tão barata. O argumento estratégico do livro consiste em localizar a hipótese repressiva, da qual depende a reivindicação do gozo dos corpos, num contexto mais amplo de um empurro a dizer sobre a sexualidade. “Desde o fim do século XVI, a ‘colocação no discurso’ do sexo longe de sofrer um processo de restrição, tem estado pelo contrário sometido a um processo de incitação crescente.” (4 pág. 20)

O poder “já não tem que lidar só com sujeitos de direito, sob os quais o ultimo poder é o poder da morte, mas com seres vivos, e o domínio que pode exercer sob eles deverá colocar-se no nível da vida mesma...” (4 pág. 172) O poder sobre a vida desenvolve-se como uma mutação do direito da vida e da morte que “... sim dúvida derivava formalmente da *patria potestas* que dava ao pai da família romana o direito de dispor da vida dos seus filhos como de seus escravos...” (4 pag. 163)

Desenvolve-se desde o século XVII seguindo dois modelos “o primeiro em formar-se, foi centrado no corpo como maquina: sua educação, o aumento das suas atitudes...” a este polo ele chama de “anatomopolítica do corpo humano” que é próprio das “disciplinas”. O segundo polo formado a mediados do século XVIII “foi centrado no corpo-espécie... a proliferação, dos nascimentos, a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida...” trata-se neste caso de “controles reguladores: uma biopolítica da população. As disciplinas do corpo y as regulações da população constituem os dois polos ao redor dos quais se desenvolve a organização do poder sobre a vida.” (4 pág. 168-169)

Então a diferença da impronta da morte que prevalece-o na concepção do poder do mestre antigo, o mestre moderno põe no centra da cena a vida, sua gestão, sua multiplicação e por meio de essas práticas, o controle e regulação. “Si o genocídio é aliás o sonho dos poderes modernos, isso não se deve a um retorno, hoje, do velho direito a matar; deve-se a que o poder reside e exerce num nível da vida, da espécie, da raça e de os fenômenos massivos da população” (4 pág. 166) Foucault leva este razoamento ao extremo e mostra como as guerras modernas legitimam-se da necessidade do extermínio ao outro para garantir a supervivência do “nos”.

Nesta mesma época, Lacan questiona-se pela “caída dos tabus” e a ubiquidade do sexo, ele respondeu: “a sexomania galopante é somente um fenômeno publicitário. A psicanalise é uma coisa séria que comporta, e repete, uma relação estritamente pessoal entre dois indivíduos: o sujeito e o analista. Não existe psicanalise coletivo, como não existem angustias ou neuroses de massas... que o sexo seja colocado na ordem do dia e exposto em todos os rincões das ruas, tratado da mesma maneira que não importa qual detergente nos carroceis televisivos, não constituem absolutamente promessa alguma de benefício. Não digo que este mal. Certamente, isso não serve para assistir as angustias e aos problemas singulares. Isso forma parte do mundo, de essa falsa liberação que nos é proporcionada como um bem acordo desde o alto pela mesma sociedade permissiva. Mas isso não serve ao psicanalise.” (5)

Lacan repete três vezes a ideia de que a exposição do sexo, além do bem ou do mal que comporte, não serve para nada, não lê serve ao sujeito para assistir-lhe nas suas angustias ou problemas singulares, nem serve-lhe para muito ao psicanalise como tal. É uma falsa liberação, e ele a denúncia como inútil.

Mas a vida e o sexo seguramente estão no centro dessa “sociedade permissiva” e de os reivindicadores do gozo dos corpos que pode-se olhar nos setores “progressistas” da sociedade global. A vida é o que está no centro, e isso que está em jogo. É de aquilo que se trata, é a *bedeutung* do poder, Gesta-la, preserva-la, produzi-la, reproduzi-la. Cerceá-la, controla-la domestica-la, encaminha-la. “A velha potência da morte, na qual simboliza-se o poder soberano, encontra-se agora cuidadosamente recoberta pela administração dos corpos e a gestão calculadora da vida... Inicia-se assim a era do “biopoder” (4 pág. 169) retorno ao discurso do mestre, com uma localização do saber no lugar do agente e do objeto pulsante no lugar do Outro na burocracia, a demolição da circulação com o discurso capitalista.

A lógica do amo antigo estava fundada no direito a matar, agora se diversifica sustentada tomando a forma do “direito do corpo social a assegurar sua vida” e leva a produção de mecanismos de poder mais sofisticados estão aninhando no mais íntimo da subjetividade. Biopolítica designa assim “o que faz entrar na vida e seus mecanismo no domínio dos cálculos explícitos e torna-se ao poder-saber num agente de transformação da vida humana.” ( 4 pág. 173)

A concepção foucaultiana das relações entre verdade, tecnologia e política parecem ter na mira o corpo semblante, seja individual ou coletivo; uma ideia de política como exercício do poder estendido a diversos níveis e instâncias da vida social, que vai além da ideia clássica da soberania. Trata-se de o vivo, capturado no desfiladeiro do significante, na rede de discursos de uma perspectiva utilitarista que desemboca muitas vezes em maquinarias mortíferas, que revelam a utilidade como uma coartada.

“Política do sintoma” comparte com “biopolitica” a perspectiva do corpo e como diria Tudanca ambos os conceitos mantém o aire da “não relação” (6). Sintoma é um conceito que aponta a relação da intimidade e da disjunção do sujeito com seu gozo. Se tomamos em conta o movimento do simbólico ao real que produzem-se no ultimo ensino de Lacan, olhamos que este chega ao conceito do vivo, articulando assim a morte ao gozo, que leva ao Miller a falar da biologia freudiana e lacaniana. ( 7 pag. 315)

Mas esta “biologia” não se interessa por escavar o que entendesse pela vida, conceito que para Lacan, tinha o atrativo de o ainda não definido, mas sim pela “invasão da morte na vida”. Esta perspectiva implica não só ao corpo imaginário, com seus limites impostos pela imagem e o conceito do belo. O corpo simbólico que estaria em relação com a anatomopolítica explicada pelo Foucault. Mas inclui a noção do corpo real ou corpo fragmentado, pulsionante. Para nossa orientação o acento é colocado no gozo, com ligação a vida baixo a forma do corpo. (7 pag. 315)

Então, Porque Lacan situa a política do sintoma como fundamento da sua escola? Segundo o Bassol, psicanálise e política articulam-se na medida em que “não há pratica terapêutica que não suponha uma resposta, implícita ou explicita a pregunta pela causalidade do sintoma e a posição do sujeito no nó que forma-se entre o gozo e a linguagem.” (8) A política da psicanalise aponta diretamente a *res privata* mais que a uma ação direta sob a *res pública*. Mas que não se pretende uma ação direta sob a coisa pública não significa que não segue algum tipo de efeito nesta esfera, pelo menos no que concerne a garantir a subsistência da pratica analítica numa civilização que tende a segregar a singularidade e a elevar a homogeneização.

Na psicanalise conceitos como pulsão de morte/vida não faz referência a morte biológica, mas ao campo do além da vida entendendo como homeostase; e do mas além da morte, do nome que sobrevive ao corpo, que estabelece no encontro traumático entre os seres humanos e a linguagem. Os factos irredutíveis de que o “ser” fica do lado da linguagem e o “ter” do lado do corpo, e que não há relação de adequação entre os dois termos.

O uso do conceito de “vida” não para a descrição do modo em que o poder exerce-se sobre ela, mas para fazer erosão os fundamentos mesmos da psicanalise. Si os analistas estavam tranquilos com a captura do real pelo simbólico, o movimento em direção a vida põe as coisas de cabeça para o chão, não deixa que o pensamento se arrume; é um modo de estabelecer as linhas de fuga para que a coisa não encache, não feche e para que o inconsciente não sucumba ao arrulhar do sentido.

O sintoma como o conceito do biopoder também alude ao corpo, mas na via do mais singular de cada um. Esse singular que tenta ser apagado em alguns países sob a forma de desaparição forçada, o despedaçamento da redução até o pó do corpo dos sujeitos que protestam, por meio de mecanismos de controle onde o delinquencial confunde-se com o legal na logica mafiosa onde estes agentes conspiram, fazendo uso das normas proliferativas, exacerbando o fato discursivo consumado no declínio da lei. O como seria dito pelo Foucault: “Outras consequências do desenvolvimento do biopoder é a crescente importância adquirida pelo jogo da norma a expensas do sistema jurídico da lei.” (4 pag. 174)

A produção das normas calça com a produção de neologismos da ciência. Si as representações sobre o corpo são históricas, os avanços científicos, especialmente a genética e a cirurgia, atravessam a experiência contemporânea. Essa perspectiva atual do corpo, já não como imagem nem como corpo significantizado, mas como troços do real, tem impactos na subjetividade. Nós como psicanalistas temos que entender quais são os impactos, seus efeitos subjetivos, seus tratamentos possíveis.

Para o Foucault, essa não é a última palavra. “... contra este poder ainda novo do século XIX, as forças que resistem apoiarem-se no mesmo que aquele invadia- a saber, na vida do homem enquanto que ser vivente... o que se reivindica e serve de objetivo, é a vida, entendida como necessidades fundamentais, essência concreta do homem, cumprindo das suas virtualidades, plenitude do possível... a vida como objeto político, foi em certo modo tomado ao pé da letra e virado contra o sistema que pretendia controla-lo.... O direito à vida, ao corpo, a saúde a felicidade, a satisfação das necessidades; o direito além de todas as operações ou alienações, a achar o que cada quem é e tudo o que um pode ser, este direito tão incompreensível para o sistema jurídico clássico...” (4 pag 175-176) Pegar a vida ao pé da letra é o que hoje permite a criação de comunidades e segregações, mas também é a vida de esse corpo real o que se toma como objeto em situações de violência extrema. Mas como no Sade, as modalidades de alguns grupos criminosos pretendem alcançar a segunda morte, a morte da molécula, a desaparição da molécula do DNA e apagar assim essa letra que a biologia apresenta-nos como absoluta.

Por isso, neste ponto o psicanalise distancia-se do pensamento de Foucault, já que é certo que pode-se achar crucial a sua explicação dos dispositivos que estão no origem da formação da sociologia e outras ciências sociais na segunda metade do século XX, que assim como Lacan mostra, eram “percursores” dos nossos modos de socialidade, o que resiste para o nosso tempo, além que essa forma de “resistência” sempre virada a ser reintegrada a aqueles grandes dispositivos, como pode-se comprovar uma e outra vez, a função do sintoma.

As epidemias histéricas que antecedem a emergência do discurso psicanalítico, dão a chave de por que foi possível o conceito de epidemia num momento determinado. Porque tomar a vida ao pé da letra – que é o que o sintoma diz-, não é tomá-la como um catalogo absoluto de direitos, é tomá-la aos pês da letra onde pertence: furada, alienada, na bisagra entre o gozo do Um e o desejo do Outro, desdobrada entre os caminhos da sexuação, com suas eleições insondáveis para usar de um modo ou outro- ou não usar para nada- o significante dos efeitos da significação.

Retornar a dignidade da vida, frente as estratégias biopoliticas de reduzi-la a um grupo de necessidades ou desejos que completam-se com objetos, é encontrar seu lugar no discurso de alguém. Assim, orientamo-nos não pela esquerda ou direita mas pela dignidade que a palavra obtém nas diferentes ofertas que circulam no nosso pequeno formigueiro. Não militamos em resistência ou hegemonia, mas fazemos apostas pela subversão. Ao biopoder se responde-lhe com um sintoma.

**Trabalhos citados**

1. MILLER, J-A. Presentación del tema del IX° Congreso de la AMP. Asociación Mundial de Psicoanálisis. [En línea] 26 de abril de 2012b. [Citado el: 01 de agosto de 2012.] http://www.wapol.org/es/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=38&intEdicion=13&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=2468&intIdiomaArticulo=1.

2. LACAN, J. Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela. Otros escritos. Buenos Aires : Paidós, 2012.

3. FOUCAULT, M. Omnes et Singulatim: hacia una crítica de la "Razón Política". Barcelona : Paidós, 1995.

4. —. Historia de la sexualidad, tomo 1. la voluntad de saber. México : Siglo XXI, 1995.

5. LACAN, J. Freud por siempre. Entrevista con Emilia Granzotto para la revista Panorama. [En línea] 21 de 11 de 1974. http://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios\_catedras/practicas\_profesionales/162\_hospital\_dia/material/docentes/freud\_por\_siempre.pdf.

6. TUDANCA, L. Una lectura política de la biopolítica. Papers. 2013, Vols. 8-9.

7. MILLER, J.-A. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica. Buenos Aires : Paidós, 2014.

8. BASSOLS, M. Una política del síntoma: llevar al sujeto hasta su división más próxima. Psicoanálisis Lacaniano. [En línea] 2007. http://psicoanalisislacaniano.blogspot.com/2007/09/una-poltica-del-sntoma-llevar-al-sujeto.html.